

O corpo na busca do saber, através da experimentação poética, numa análise e tradução do poema magia de Henri Michaux.

Luciana Pereira Sobrinho

RESUMO:

Este trabalho visa analisar e trazer uma tradução do poema “ Magia” de Henri Michaux, e também verificar como o corpo se apresenta na realização do processo de criação literário em que ele é base, percurso, espaço de autoconhecimento, sujeito, objeto, que se dá através da experimentação corporal onde poética e artes plásticas coabitam em busca do saber e da totalidade, mas sem aprofundar na relação entre literatura e artes plásticas.

Palavras chaves: corpo, espaço, experimentação, conhecimento, totalidade.

O corpo na busca do saber, através da experimentação poética, numa análise e tradução do poema magia de Henri Michaux

Desde o século XIX, vive-se a experimentação nas ciências, seja em um rato que se torna experiência, seja um objeto, seja um homem que por vezes foi objeto de estudo de outros, seja objeto de si mesmo. Do mesmo modo como Michaux fez quando utilizou seu próprio corpo como laboratório de experimentações poéticas corporais com uso de drogas ou não.

A ciência moderna veio com tanta força, que em consequência diversas disciplinas tornaram-se Ciência. Assim, não pode deixar de fora a Literatura, Psicologia e outras áreas.

O poeta, pintor e desenhista **Henri Eugène Marie Ghislain Michaux** nasceu na Bélgica em 1889, depois tornou-se cidadão francês, escreveu muitas obras tais como: “Qui je fus” “Ecuador”, “ La Nuit Remue”, “Apparitions” “Plume”, “Lointain intérieur” etc. Ele começou estudar medicina mas abandonou para ser escritor e pintor, presenciou o movimento surrealista, faleceu em 1984.

Sua escrita mistura prosa/poesia, real/fantasia, crítica, autoconhecimento, aproxima a literatura do desenho e pintura, principalmente, devido ao corpo ser o centro de sua poética, pois através da experimentação poética corporal se descobre, descobre o mundo, os objetos e o ser no mundo tal qual demonstra algumas correntes filosóficas fenomenológicas e terapias corporais de autoconhecimento.

Portanto, Michaux foi eleito o poeta “du secret” que expressa em sua escritura baseada no sentimento de ausência: o sofrimento do homem dentro de seu próprio corpo (habitat), preso em si mesmo; o dilaceramento do eu; a fragmentação; a incerteza do mundo; e a fugacidade do tempo diante de mudanças sofridas com o advento da modernidade. O autor mostra novas perspectivas seja escrita, desenhada ou pintada por ele, que visam refletir sobre o sujeito e o mundo.

Então, pretende-se verificar, neste trabalho, como o corpo se apresenta na realização do processo de criação literário em que ele é base, percurso, espaço de autoconhecimento, sujeito, objeto, que se dá através da experimentação corporal onde poética e artes plásticas coabitam em busca do saber e da totalidade. O poema trabalhado será: “Magia”, mas não aprofundarei sobre a relação da literatura com as artes plásticas.

Neste caso, o corpo é o meio pelo qual o poeta trata das questões ontológicas, por intermédio da linguagem poética em que revela a dinâmica existencial com seus conhecimentos, experiências e sofrimentos. Visto que não há linguagem sem corpo.

Para Heidegger, em “Ser e o Tempo”, o ser é o tipo iluminador da linguagem mesmo quando transforma a realidade em objeto ou a modifica para apropriar-se dela,

pois o ser deve habitar a linguagem poética antes de qualquer visão de mundo para deixar-se Ser.

A partir do momento em que se entende que o ser só habita “através da poesia” antes de qualquer coisa, então chega-se ao *leitmotiv* deste trabalho, ou seja, a linguagem poética traz a imagem do corpo como *leitmotiv*, em geral, fragmentada. Como se sabe, o poema se concretiza por meio da linguagem e nesta linguagem ambígua do corpo, é origem e percurso.

A partir do século XIX com a revolução fenomenológica, segundo Marizano-Parisoli, o corpo não é só objeto: “o corpo não é mais visto como objeto estático, ele testemunha uma finalidade, manifesta uma interioridade, faz aparecer um mundo. Cada indivíduo é seu próprio corpo,”(Marizano-Parisoli, Maria Michela, *Pensar o corpo*, p.46). Assim confirma Beauvois, para ela a base da escrita de Michaux é o corpo: « le corps écrit, le récit de corps décrit, dans leur enchaînement, des fonctionnements physiques, biologiques ou psychiques. » (Beauvois, Nathalie, op.cit., p. 188)¹

O sujeito da segunda metade do século XIX em diante, já não tem mais tanto medo do novo, ele quer o novo, quer experimentá-lo, não importa como seja se é através da experimentação corporal física ou, e imaginária, inventiva. Este homem quer se conhecer, se reconhecer, inventar, sentir, por isto ele busca realizar seu desejo constantemente.

Este indivíduo não é mais uno, ele vai do duplo ao plural. Ele é um ser social, criado a partir de um outro que o educa (família, escola, sociedade), é um outro também que não se conhece totalmente, é um homem ou uma mulher, é branco ou negro, não importa, o que importa é que possui identidades fragmentadas, transitórias, o eu pode aceitar várias identidades e isto dependerá da situação propícia em que o indivíduo se encontra para assumir uma delas, ou duas, ou mais quem sabe.

Acompanhando esta idéia acima, repara-se no que Paz diz do indivíduo e do tempo modernos : “o espaço se desagrega e se expande ... Em um universo que se

¹ “ O corpo escreve, a narrativa do corpo descreve, dentro do seu encadeamento, dos funcionamentos físicos, biológicos e psíquicos” – tradução Luciana P. Sobrinho.

desfia e se separa de si, totalidade que deixou de ser pensável heterogêneos, o eu também se desagrega."(Paz, Octávio, *Signos em Rotação*, p.101).

Deste forma, este eu dilacerado, mas circunscrito em si mesmo, se realiza na linguagem, de sorte que o poeta se torna um ser de linguagem que domina e é dominado pelos signos, um criador de sua própria “língua” que acompanha o ritmo do espírito, do pensamento e do mundo. Segundo Jean Cohen, alguns acreditam que “a linguagem é o corpo do pensamento”, Bosi completa esta idéia dizendo que “a linguagem é pensamento-som”.

É interessante o trabalho de Michaux, porque enquanto o corpo é concebido por muitos, até hoje, como espaço repleto de preconceitos ou até mesmo intocável, o poeta vem quebrar paradigmas e criar seus poemas a partir de partes do corpo que são, aparentemente, insignificantes, pouco poéticas, por exemplo: um dente que dói, um ouvido inflamado. Mostrando, também, um corpo que sofre muito. Sendo deste modo que, a percepção, ou seja, os sentidos são aguçados com a exploração de objetos e partes do corpo, como aparece no poema “Magia” (uma maçã sobre a mesa, uma dor de dente próxima do nariz), onde o poeta parte do simplório para o transcendente em função das aspirações humanas, geralmente, em torno do eu que se fragmenta e parece palpar uma matéria espiritual (“Às vezes, tão profundamente engajado em mim mesmo em uma bolha única e densa...”).

Este mergulho no corpo, no eu, se dá pelo discurso e neste discurso, nas imagens do corpo, o sujeito lírico se deixa conhecer intencionalmente e com desejo - causado pela falta. Um processo de contato consigo mesmo, ou seja, há contato com partes internas e externas do corpo, ao mesmo tempo, colocando seu corpo em contato com outros corpos, alcançando um tipo de consciência que busca a totalidade. Assim se configura um processo de busca através do corpo em caminho às descobertas(consciência), que aparentemente é só poesia, mas se assemelha com processos de autoconhecimento buscado por algumas terapias corporais, no entanto o autor deseja evidenciar sua estética de olhar de forma que venha a revelar novas perspectivas sobre o objeto, do corpo para o corpo, fazendo o diálogo entre a literatura e artes plásticas.

Partindo agora para a análise do poema “Magia” de Henri Michaux retirado do livro “Plume précédé par Lointain intérieur”, traduzido por mim:

Magia

Estava outrora muito nervoso. Eis me aqui sob nova condição.

Coloco uma maçã sobre minha mesa. Em seguida me instalo nesta maçã. Que tranqüilidade!

Isto parece simples. Contudo tem vinte anos que experimentava, e não tinha conseguido, querendo começar por lá. Por que não? Eu seria talvez cruelmente humilhado, visto seu pequeno tamanho e sua vida opaca e lenta. É possível. Os pensamentos da camada inferior são raramente belos.

Comecei, então de outra maneira e me uni ao Escault.

Escault em Anvers, onde o achei, é largo e importante e ele acarreta uma grande corrente. Os navios que se apresentam em alto bordo, ele os arrasta. É um rio, um verdadeiro.

Eu resolvi ir-me com ele. Mantive-me no cais o dia inteiro. Mas dispersei-me em numerosas e inúteis visões.

E aliás, embora eu, olhasse as mulheres de vez em quando, e isto, um rio não o permite, nem uma maçã o permite, nem nada na natureza.

Voltando ao Escault e mil sensações. Que fazer? Subitamente, tendo renunciado a tudo, eu me encontrei..., eu não direi nada no seu lugar, pois para dizer a verdade, isto nunca foi realmente aquilo. Ele escoia incessantemente (aí uma grande dificuldade) e desliza até a Holanda onde encontrará o mar e a altitude zero.

Eu vi-me reduzido à maçã. Lá ainda. Houve hesitações, experiências; É uma história. Partir é pouco cômodo e até mesmo explicar.

Mas em uma palavra, eu logo lhe digo. *Sofrer* é a palavra. Quando cheguei dentro da maçã. Estava congelado.

II

Desde que a vi, eu a desejei.

Primeiro para seduzi-la, eu espargi-me em planos e planos.

Planos saídos do meu olhar que se alongavam doces, amáveis, tranqüilos.

As idéias de plano iam a seu encontro e sem saber ela passeava ali, sentindo-se satisfeita.

Tendo-a bem segura, eu a possuí.

Isto feito, depois de algum repouso e quietude, voltando ao meu natural, eu deixei reaparecer minhas lanças, meus trapos, meus princípios.

Ela sentiu muito frio, pois estava confusa por minha causa.

Ela chegou à mina desfeita e cavada, como se tivesse sido explorada.

III

É doloroso acreditar que seja natural e conhecido de todos. Às vezes, tão profundamente engajado em mim mesmo em uma bolha única e densa que, sentado na

cadeira, à dois metros da lâmpada posta sobre a mesa de trabalho, com muito custo e depois de um longo tempo que os olhos permaneceram bem abertos, chego a lançar até ela um olhar.

Uma emoção estranha me domina neste testemunho do círculo que me isola.

Parece que uma granada ou o raio, mesmo que não chegue a me atingir muito, eu tenho camadas por todas as partes aplicadas em mim.

Mais simplesmente, isto estaria bem, ainda que a raiz da angústia fosse, por qualquer momento, enterrada.

Tenho nestes momentos a imobilidade de um túmulo.

IV

Este dente da frente cariado me pulsava agulhadas bem na pontinha da raiz, quase no nariz. Sórdida sensação!

E a magia? Sem duvida, mas é preciso, então ir se alojar em massa quase sob o nariz. Que desequilíbrio! Eu hesitava, ocupado em um estudo sobre a linguagem.

Naquele momento uma velha otite, que dormia há três anos, acordou e sua fina perfuração no fundo do meu ouvido.

Eu precisava me decidir. Molhado de tanto se jogar na água. Ocupado em sua posição de equilíbrio, ao mesmo tempo em procurar uma outra.

Então, eu deixo o estudo e me concentro. Em três ou quatro minutos, eu apago o sofrimento da otite (conheço o caminho). Para o dente, foi-me necessário duas vezes mais tempo. Um lugar tão engraçado que ela ocupava, quase no nariz. Enfim desaparecia.

É sempre assim; a única primeira vez é uma surpresa. A dificuldade é de encontrar o ponto certo onde se sofre. Estando centrado, se dirija nesta direção, tateando às cegas na sua noite, procurando ao circunscrever (os nervosos não tendo concentração sentem o mal por toda parte), pois à medida que o ferimento, o mirando com mais cuidado, porque ele torna-se pequeno, pequeno, dez vezes menor que uma ponta de alfinete; fique acordado agora com muita atenção sobre ele sem o deixar, lançando sua euforia sobre ele até que você não tenha mais nenhum ponto de sofrimento diante de si. É porque você o encontrou realmente.

Agora, é preciso ficar sem dor. Em cinco minutos de esforço deve suceder uma hora e meia ou duas horas de calma e de insensibilidade.

Eu falo pelos homens não especialmente pelos fortes nem pelos dotados; além do mais, é “meu tempo”.

(por causa da inflamação dos tecidos, subsiste uma sensação de pressão, de pequeno bloco isolado, como subsiste depois da injeção de um líquido anestésico.)

V

Eu estou realmente fraco (eu estava assim sobretudo) que se pudesse coincidir o espírito com quem quer que seja, eu seria imediatamente subjulgado e julgado por ele e anteriormente sob sua dependência; mas tenho **o olhar atento, instigante quase** a ser sempre bem exclusivamente eu.

Graças a esta disciplina, eu tenho agora maiores chances de nunca coincidir com qualquer espírito que seja e de poder circular livremente no mundo.

Melhor! Estando-me a tal ponto fortificado, eu lançaria bem um desafio ao mais poderoso dos homens. O que me obriga sua vontade? Eu tornei-me tão agudo e circunstanciado, que mesmo eu estando em sua face, ele não chegaria a me encontrar.²

O poema se trata de uma experimentação no ato de apreensão de uma maçã sobre a mesa, que se aproxima à experimentação de um pintor que deseja habitar o objeto antes de pintá-lo, no entanto se torna muito mais que isto. É um poema em prosa, por isto, também sugere uma linguagem narrativa com tom de romance confessional, porém, extrapola o conceito de literatura confessional por envolver questionamento sobre o Ser no mundo e sobre o limite curto ou a não existência de limite entre as artes plásticas e literatura dentre outras coisas. Este poema relata uma experimentação poética através da percepção corpórea.

Linguagem tal que nos aproxima ao ritmo do pensamento, num mergulho ao mundo interior do corpo humano, ou seja, na origem. Só que intermediado por uma maçã que ocasionará várias outras experiências e tentativas de formação de outros pontos de vista.

O poema é dividido em quatro partes do I ao V. a análise será feita progressivamente.

Na parte I, teremos o primeiro momento da experiência que o sujeito lírico começa contando seu estado no tempo passado “Estava outrora muito nervoso”. Em seguida parte para o tempo presente se situando no tempo e espaço: “Eis me aqui sob nova condição”.³(Michaux, Henri, Lointain intérieur in Plume)

Inicia-se a experimentação da maçã sobre a mesa, sendo então, o ponto de partida do devaneio, simulando a interiorização do corpo⁴ pelo objeto desejado e vice-versa: “Coloco uma maçã sobre minha mesa. Em seguida me instalo nesta maçã.”

² Michaux, Henri, Plume Précédé de Lointain Intérieur (anexo cópia do original do poema encontra-se anexo ao final do trabalho)

³ Esta condição é, justamente, a condição do Ser, que aqui demonstra sua transformação e passagem a outro estado físico, psicológico.

⁴ Não se esquecer que corpo e mente(espírito) não se dissociam do ponto de vista que um depende do outro para realização do processo, mas há uma dissociação divulgada pelo autor através do uso do fantástico, maravilhoso quando o sujeito lírico diz que penetra na maçã isto supõe-se que ocorreu espiritualmente, mas se deve lembrar que faz parte do ato de apreensão do objeto, habitá-lo.

O autor escolhe muito bem as palavras a serem utilizadas, em efeito, na tradição literária, principalmente, usada no Simbolismo Francês que da segunda metade do século XIX em diante é bem mais trabalhada e até esgotada de significação atualmente. A maçã possui uma simbologia imensa, ou seja, muitos sentidos⁵ que na verdade se trata, em todos os casos, segundo o dicionário de símbolos: “de um meio de conhecimento, mas que ora é o fruto da Árvore da vida, ora o da Árvore do conhecimento do bem e do mal ...”⁶, pois este símbolo neste poema pode significar o erótico (a sexualidade, o desejo), juventude, eternidade o engajamento no corpo em busca do conhecimento, o equilíbrio, a totalidade, dentre outras coisas que ao longo do poema serão demonstradas.

A maçã significa o conhecimento devido no seu interior possuir alvéolos, que ao cortá-la ao meio percebe-se uma estrela de cinco pontas⁷ formada pela posição das sementes, por isto tornaram-na o fruto do conhecimento. Por outro lado, é o “fruto de ciência, da magia e da revelação”(como se vê em tradições Celtas), e também um “fruto maravilhoso” por ser o fruto da macieira que em Celta possui o significado de **“árvore do Outro Mundo”** e alcança significados místicos.

Voltando ao poema, no instante em que entra na maçã, o sujeito lírico comenta seu feito dizendo da dificuldade do processo de concentração e interiorização desta apreensão do objeto: “Isto parece simples. Contudo tem vinte anos que experimentava, e não tinha conseguido,” e completa como se os outros fossem criticá-lo por seu ato de penetração e apropriação, quando relata: “Eu seria talvez cruelmente humilhado, visto seu pequeno tamanho e sua vida opaca e lenta”.

É importante perceber que simbolicamente o autor vai denunciando o movimento de interiorização e conscientização, como se houvesse movimentos de penetração, tal como se nota no trecho seguinte e será perceptível mais claramente ao longo da análise: “É possível. Os pensamentos da camada inferior são raramente belos.” Então, pensando bem, se no interior da maçã tem o símbolo do conhecimento, então entrando nela ele deseja o atingí-lo.

⁵ Neste caso, quer dizer significado, em outras situações também uso esta palavra para os cinco sentidos

⁶ Cheerbrant, Alain, e Jean Chevalier, Dicionário de Símbolos, p. 572

⁷ Pois o pentagrama é o símbolo do saber, não obstante disto, que o autor escolheu dividir o poema em cinco partes.

Não muito contente, o eu lírico almeja fazer de outro modo e se desloca em força de pensamento, devido sua concentração⁸, através da imaginação, pode-se enxergar quando se uni ao rio Escault e se deixa ir, não importa como, repara-se a seguir: “Comecei, então de outra maneira e me uni ao Escault./ Escault em Anvers, onde o achei, é largo e importante, ele acarreta uma grande corrente. Os navios que se apresentam em alto bordo, ele os arrasta. É um rio, um verdadeiro./ Eu resolvi ir-me com ele.”

O rio aí representa meio de passagem, o mergulho em si mesmo, segundo o Dicionário de Símbolos o rio está para alma assim como a alma está para o corpo e mergulhar num rio significa mergulhar num corpo e vice-versa, cada alma possui seu rio próprio ou seja sua existência efêmera num corpo que passa do modo que as águas do rio passam. O rio é também: viagem; travessia de purificação⁹, chegar do outro lado, ir além de ; transformação, transmutação de estados, neste caso estados de consciência. Ou seja, é o meio pelo qual o sujeito se divide em diversas visões, ele se fragmenta e gera a pluralidade de pontos de vistas, pode-se observar no trecho : “Mas dispersei-me em numerosas e inúteis visões.”

Assim constata-se, na análise de Merleau-Ponty sobre o corpo quando ele relata seu ponto de vista que se aproxima ao processo no poema acima citado:

Obcecado pelo ser, e esquecendo o perspectivismo de minha experiência, eu trato doravante como objeto, eu o deduzo de uma relação entre os objetos. Considero meu corpo que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. A consciência que eu tinha do meu olhar como meio de conhecer, recalco-a e trato meus olhos como fragmentos de matéria.¹⁰

O rio vem simbolizar o corpo e se configura em um meio de percepção e experimentação, para dizer sobre corpo e ser o corpo, demonstrando um mergulho no íntimo em que o eu lírico vê-se reduzido à maçã e encontra as sensações, os sentidos.

Nota-se a seguir: “Eu vi-me reduzido à maçã. Lá ainda houve hesitações, experiências;”

⁸ O autor deixa bem claro sobre a necessidade e possibilidade do ato de inventar, recriar, imaginar no processo de criação literária em sua obra.

⁹ Verifica-se tais conceitos no Dicionário dos Símbolos já citado.

¹⁰ Merleau-Ponty p.109

O sujeito encontra as sensações em seu corpo assim reafirma Marizano-Parisoli:

Sensações e emoções encontram sua sede natural no corpo; elas podem ter uma intensidade diferente, como também uma duração diferente, ... elas são também e sobretudo um componente fundamental da experiência humana que jamais é independente da consciência pessoal e da intencionalidade do sujeito.¹¹

O sofrimento da conscientização do Ser mesmo através do objeto, é claro. Mesmo que este objeto seja um subterfúgio para o próprio entendimento do Ser no mundo. Como se sabe, quanto mais se sofre mais consciente o Ser torna-se. Desta forma o poeta resume seu sentir: “Mas em uma só palavra, eu logo lhe digo. *Sofrer* é a palavra.”

E para terminar e confirmar a objetividade no ato de conscientização na primeira parte, pode-se verificar quando se remete à análise do que o número I, o que ele é e traz para o entendimento do poema em traços e significações recorrentes: é o local do ser, o “centro místico” e “unificador” que realiza a harmonia e o “equilíbrio dinâmico entre os contrários reconciliados”¹² e prepara o sujeito para o caminho em busca da totalidade, repara-se a afirmação do poeta quanto esta conscientização: “Quando cheguei dentro da maçã. Estava congelado.”

Refletindo a questão da unidade o corpo pode e deve fazer o papel unificador de atitudes, de essências contraditórias, tal como mostra Marizano-Parisoli :

Durante séculos, o corpo foi concebido apenas em relação à alma ou ao espírito, sem considerar o fato de que ele é sobretudo o unificador de categorias ontológicas opostas: o interior e o exterior, o cognitivo e o afetivo, o objetivo e o subjetivo; como também a sede de várias tensões: ser-devir¹³

É importante pensar não só pelo o lado literário, mas também o pictural, deve-se lembrar que Michaux era pintor e desenhista, talvez, ou certamente, percebe-se aí influência ou referência a Cézanne que demorou quase cem vezes ou mais para terminar um quadro, desejando pintar a realidade como a via sem abandonar as sensações num trabalho de percepção. Tendo uma experiência correlata à de Cézanne, Michaux delata

¹¹ Marizano-Parisoli, Maria Michela, *Pensar o corpo*, p.17

¹² Dicionário de Símbolos

¹³ Marizano-Parisoli, Maria Michela, *Pensar o corpo*, p.44

neste poema um sujeito lírico que no início do poema assume que havia muito tempo que tentava e não havia conseguido, ele no ato de apreender a realidade e colocá-la no papel, é capaz de descrever ou desenhar uma realidade se pensando como homem, pensando o mundo, o universo, e assim pensando a arte.

Seguindo a ordem do poema, dirige-se à parte II:

O poeta se utiliza muito da visão, do tato, menciona o desejo, sugere movimento e inércia, num ato de exploração, prazer e erotização.

A visão é o sentido mais usado nesta etapa, demonstrando que é o meio pelo qual iniciou o processo de penetração na maçã através do olhar, pois desejava seduzi-la observa-se nos versos seguintes: “Desde que a vi, eu a desejei./ Primeiro para seduzi-la, eu espargi-me em planos e planos./ Planos saídos do meu olhar que se alongavam doces, amáveis, tranqüilos./As idéias de plano iam a seu encontro e sem saber ela passeava ali, sentindo-se satisfeita.”

O tato também é presente nesta etapa mesmo que figurativamente: “Tendo-a bem segura, eu a possuí.”

O número dois representa a continuação, ou seja, a continuação da primeira etapa do poema, obviamente, ele simboliza a dualidade, o contraditório, a reflexão, ambiente latente para realização de conflito e também equilíbrio realizado¹⁴. Tudo isto ocorre nesta etapa II do poema em que o sujeito lírico se fragmenta em planos em busca da satisfação e da totalidade.

Segue-se adiante, para parte III do poema:

Neste instante é possível entender melhor a proposta do poeta, explicitando como tal processo de experimentação é cada vez mais uma projeção pra dentro do indivíduo, sendo que indivíduo e corpo não se separam. Este indivíduo preso em si mesmo, condenado a viver em seu próprio corpo e viver o sofrimento do mesmo na conquista do conhecimento, que tanto deseja. Sendo assim, questiona o processo de isolamento corporal ao qual se submete, se lamentando da voga do procedimento, mas que se sente preso dentro de si mesmo, comparando como se estivesse dentro de uma bolha:

É doloroso acreditar que seja natural e conhecido de todos. Às vezes, tão profundamente engajado em mim mesmo em uma bolha única e densa

¹⁴ Dicionário de Símbolos

que, sentado na cadeira, à dois metros da lâmpada posta sobre a mesa de trabalho, com muito custo e depois de um longo tempo que os olhos permaneceram bem abertos, chego a lançar até ela um olhar.

Marizano-Parisoli sustenta sobre o processo de interpretação e compreensão do mundo, acima descrito pelo eu lírico:

O corpo se torna assim progressivamente um espaço expressivo, o que projeta para fora os significados das coisas, dando-lhes um lugar e, ao mesmo tempo, o que faz com que elas se ponham a existir como coisas sob nossas mão e sob nossos olhos.¹⁵

Então o corpo é espaço de realizações humanas, experimentações, emoções, símbolo que demonstra influências interna e externa em formas de texto, o corpo também é texto sobre texto, é hábitos, gestos, moda, capital, pensamentos sócio-culturais, então, chega-se num corpo idolatrado, sofrido, massacrado pela estrutura da cidade, impossível de ser somente natural, ele também sofre intervenções e, neste caso, ele é poema e o corpo do poema que ocorre somente através do corpo.

O processo de ensimesmamento nesta etapa do poema torna-se o visível em que o sujeito lírico assume: “Uma emoção estranha me domina neste testemunho do círculo que me isola.”

O número três é o símbolo “mágico religioso”, da perfeição em diversas religiões tal como no cristianismo, da restauração do equilíbrio, de síntese, reunião, e de união.¹⁶ Assim, esta parte do poema o sujeito lírico diz que nestes momentos ele alcança o equilíbrio, pois ele está circunscrito¹⁷ e um pouco depois da citação anterior constata-se o nível de concentração : “Tenho nestes momentos a imobilidade de um túmulo.”

Continuando a análise e partindo para a parte IV:

O processo de isolamento faz-se com que o sujeito consiga contatar seu corpo, seu íntimo, cada vez mais se projetando ao seu interior. Isto significa que através do discurso literário e das imagens do corpo geradas por ele, quase sempre,

¹⁵ Marizano-Parisoli, Maria Michela, *Pensar o corpo*, p.46

¹⁶ Dicionário de Símbolos

¹⁷ o círculo remete á idéia de centro, equilíbrio do universo,céu , transcendência, misticismo, espiritualidade, transformação, perfeição e totalidade

fragmentadas, o sujeito é capaz de conscientizar-se. Compreendendo seu estado, sua condição existencial no mundo.

E a partir de um dente que dói se desencadeia inúmeras reflexões em busca da totalidade: “Este dente da frente cariado me pulsava agulhadas bem na pontinha da raiz, quase no nariz. Sórdida sensação!”

Tal procedimento que muitas vezes parece um ritual com etapas a se seguir vai se cumprindo com se fossem etapas de aprofundamento na existência humana, ou mesmo um rito de passagem, ocorre de maneira crítica, dolorosa, prazerosa, irônica e até humorística, por partir de fatos tão, aparentemente, insignificantes.

“E a magia?”. Pergunta o poeta. Realmente onde anda a magia em um dente que dói? E depois em uma otite que aparece: “Naquele momento uma velha otite, que dormia há três anos, acordou e sua fina perfuração no fundo do meu ouvido.”

Ele se desequilibra com o sofrimento de se ocupar com o estudo da linguagem: “Que desequilíbrio! Eu hesitava, ocupado em um estudo sobre a linguagem.”

Mas a concentração é superior e consegue superar o sofrimento: “Então, eu deixo o estudo e me concentro. Em três ou quatro minutos, eu apago o sofrimento da otite (conheço o caminho). Para o dente, foi-me necessário duas vezes mais tempo. Um lugar tão engraçado que ela ocupava, quase no nariz. Enfim desaparecia.”

Nesta etapa número quatro, o sujeito lírico encontra o término da dor, através da conscientização¹⁸ e concentração. Não é tão distante perceber-se que fazendo atenção à simbologia do número não se pode deixá-la de lado, porque nesta fase de passagem pelo corpo ele vem ser plenitude, universalidade, totalizar os quatro cantos do universo.

E finaliza-se a progressão analítica com a etapa V do poema:

Mais uma vez o poeta demonstra que o indivíduo do poema é consciente do processo de isolamento que o transforma, o fortifica, e o proporciona conhecimento de si mesmo e do universo que o rodeia: “mas tenho o olhar atento, instigante quase a ser sempre bem exclusivamente eu.” E sente-se livre para viver no universo, sabendo que está preparado para Ser: “Graças a esta disciplina, eu tenho agora maiores chances de nunca coincidir com qualquer espírito que seja e de poder circular livremente no mundo.”

¹⁸ Segundo o Dicionário de Símbolos, o pensamento junguiano se baseia na análise quatro funções fundamentais da consciência: o pensamento, o sentimento, a intuição e sensação”

O número cinco é o símbolo de centro ordem e harmonia, união entre céu e terra, ele representa os cinco sentidos: a totalidade do mundo sensível, lembra o pentagrama, é o número do coração, é usado pelas sociedades secretas, é transformador e perfeição para os povos maias, com toda esta carga de significados este número contribui para notar que nesta quinta e última etapa é onde o eu lírico, se transforma, alcança a consciência totalizadora dos sentidos, se equilibra com universo e se deixa livre para vivê-lo.

Mas mais do que nunca a intenção do autor, a escolha das palavras nos mostra que o corpo no poema proporciona o contato com o mundo e que as imagens ocasionadas nos faz reparar que várias palavras, a divisão das etapas, a significação de cada etapa, provoca uma corrente subterrânea ocasionada pelo ritmo, pelas palavras utilizadas e suas cargas de significado que nos remetem ao título “Magia”, mas onde ela realmente está? Ela está na maçã, no rio, no círculo, no dente (na África negra é o meio de contato com os espíritos)¹⁹, no ouvido²⁰, no estudo da linguagem? E o sujeito lírico encontra inicialmente na maçã, embora a magia esteja intrinsecamente em diversas outras palavras por ele utilizada tais como: rio, dente, otite, círculo, dentre outras.

O segredo está no discurso, por detrás dele e até além dele, está nas imagens criadas ao longo do poema. Que nos jogam nas divisões, em etapas numeradas em cinco, de forma recorrente, pois a maçã é o símbolo do conhecimento seja do bem ou do mal, ao cortá-la as sementes fazem um formato do pentagrama, que significa o saber, é o símbolo da magia, da revelação, o cinco é o símbolo da harmonia e da totalidade dos sentidos e do universo, que é justamente o que o ser busca constantemente: a totalidade, o conhecimento.

¹⁹ “O nariz, como o olho é símbolo de clarividência, de perspicácia, de discernimento, mais intuitivo que racional.” (Cheerbrant, Alain, e Jean Chevalier, Dicionário de Símbolos, p. 631)

²⁰ Simboliza a sabedoria e “a inteligência cósmica”

Bibliografia

Beauvois, Nathalie in *La Nuit Remue*

Bellour, Raymond, *Henri Michaux*, Gallimard

Bosi, Alfredo. *Ser e o tempo da poesia*,. 6. ed. São Paulo, Cia Das Letras, 2000

Heidegger, Martin. *Conferências e escritos filosoficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural

Jeudy, Henri-pierre, *O corpo como objeto de arte*, Tradução Tereza Lourenço, 1 ed. São Paulo :Estação da Liberdade,2002.

Marzano-Parizoli, Maria Michela. *Pensar o corpo*,1. ed. Vozes, 2004

Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: M Fontes, 1996

Michaux, Henri, *La Nuit Remue*, Gallimard, 1987, poésie Gallimard, 2002 pour l'accompagnement pédagogique de la présente édition,

Michaux, Henri, *Oeuvres Complètes*, Bibliothèques de la Pléiade, Paris: Gallimard, 2001

Michaux, Henri, *Plume Précédé de Lointain Intérieur*, Paris: Gallimard, 1963

Moraes, Eliane Robert, *O corpo impossível, A decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*, 1. ed. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002

Paz, Octavio, *Signos em rotação*, 2. ed. São Paulo : Perspectiva, 1990.

Cheerbrant, Alain, e Jean Chevalier, *Dicionário de Símbolos*, 11. ed. Rio de Janeiro: José Olimpio Editora, 1997

7